

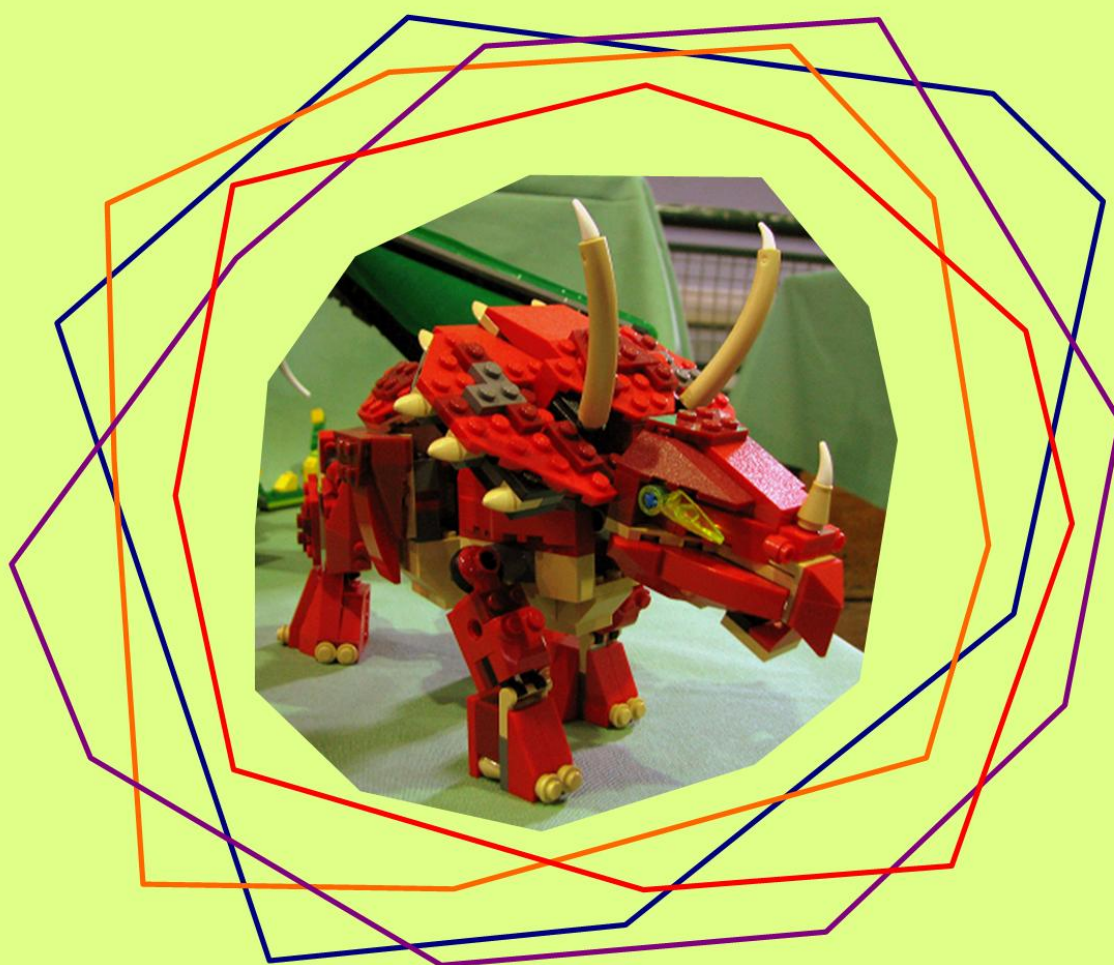


Museu da *Lourinhã*

Número 16

Ano 2009

Mês Maio



Grupo de Etnologia e Arqueologia da Lourinhã



**GRUPO DE ETNOLOGIA E
ARQUEOLOGIA DA LOURINHÃ**

**Pessoa Colectiva de Utilidade
Pública**

NIF 501 419 500

DIRECÇÃO

Presidente: Hernâni Mergulhão

Vice-presidente: Lubélia Gonçalves

Secretário: Miguel Reis Silva

Tesoureira: Maria Matos

Vogal: Hernâni Santos

Suplentes: José Lino, Carlos Natário,
Rui Castanhinha, Fernando Nogal

CONSELHO FISCAL

Presidente: Edmundo Pires

Secretário: João Dias Ferreira

Relator: Pedro Fonseca

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: João Silveira Lobo

Vice-presidente: Octávio Mateus

Secretária: Margarida Bom

EDIÇÃO

Fernando Nogal

editor@museulourinha.org

CONTACTOS

Endereço postal

Rua João Luís de Moura, 95

2530-158 Lourinhã

Portugal

Telefones

[+351] 261 414 003

[+351] 261 413 995

FAX

[+351] 261 423 887

E-mail

geral@museulourinha.org

Web

http://www.museulourinha.org

Editorial

Faz neste número um ano que o vosso Boletim assumiu uma nova periodicidade e formato. Coube-me o desafio de mensalmente fazer chegar até vós o trabalho que, incessantemente, Colaboradores e Voluntários dedicam ao Museu, e com o qual o vão fazendo crescer em valor e alcance, bem como divulgar o nosso acervo.



Sinto-me profundamente grato a todos os que têm contribuído para que o Boletim continue a ser possível, muitas vezes indo além do seu dever. É um enorme gosto ser vosso Editor e poder contar convosco. Há igualmente que agradecer aos nossos Leitores, que também contribuem, pelo seu comentário e estímulo, para o aperfeiçoamento do Boletim, que desejamos contínuo.

Notarão que começámos a assinalar o 25º Aniversário do Museu, que se celebrará a 24 de Junho de 2009. Reforço o convite da Direcção para que nos juntemos no dia 24 e celebremos em conjunto o que colectivamente temos vindo a construir.

Partamos, então, para um novo ano. Conto convosco.

Fernando Nogal

Neste número

- 2 Mensagem do Editor
- 3 Notícias da Associação
- 7 Serviços do Museu

Artigos

- 3 A Festa da Espiga
- 4 Os Ferradores na Lourinhã – As suas múltiplas funções
- 6 Um outro olhar sobre a Lourinhã – Da poda à taberna
- 8 Entusiastas de LEGO® “invadem” a Lourinhã
- 8 Fotografia Paleontológica: Introdução
- 9 Os dinossauros saurópodes

Capa: Será um túnel do Tempo? A magia do LEGO® permite recriar os animais e ambientes do passado remoto. A foto mostra um modelo de dinossauro presente na exposição do LEGO. Ver artigo na página 8.

Contracapa: Vista aérea da Lourinhã e Praia da Areia Branca, como se observaria de um balão a 1.600 metros de altitude. Imagem obtida com Google Earth

Assine o Boletim do Museu da Lourinhã! Sem encargos, por distribuição electrónica

Se não é sócio e quer receber regularmente o Boletim, envie um pedido para geral@museulourinha.org

Os Associados recebem automaticamente o Boletim por via electrónica. Mantenha actualizado o seu endereço e-mail

Escreva directamente ao Editor, enviando artigos, comentários, sugestões, para editor@museulourinha.org

Notícias

- **Uma aventura no mundo do Lego**

O Museu associou-se à organização deste evento, único em Portugal, tendo recebido igualmente muitos visitantes, como se conta no artigo da página 8. Poderá consultar mais detalhes nas páginas WEB da PLUG - Associação Portuguesa de Utilizadores de Lego, em <http://www.plug.pt>

- **Assinalado o Dia Internacional dos Museus**

O Museu esteve aberto gratuitamente na segunda-feira dia 18 de Maio, em comemoração do Dia Internacional dos Museus.

- **O Museu esteve presente no Seminário Aguardente DOC Lourinhã**

Organizado pela Comissão Vitivinícola Regional da Lourinhã, no passado dia 22 de Maio, contou com várias palestras e um almoço. O Museu cedeu algumas peças próprias desta actividade, que estiveram expostas no Pavilhão Multi-usos da Atalaia, e organizou visitas para os participantes. Prometemos mais informações para um próximo número.

- **25º Aniversário do Museu da Lourinhã**

Reproduzimos aqui alguns excertos do comunicado dirigido pela Direcção do GEAL a todos os Associados.

“No próximo dia 24 de Junho o nosso Museu vai completar 25 anos de existência. É uma data que merece destaque especial: o sonho de um pequeno grupo, pela vontade de todos, cresceu e transformou-se numa realidade de dimensão nacional e alcance internacional que importa comemorar.

As actividades evocativas do Aniversário começam no próprio dia 24 e decorrerão durante o ano que com ele se inicia. Ainda estamos a tempo de aceitar as suas sugestões.

De momento, destacamos algumas iniciativas já confirmadas para o dia 24:

- Entrada livre no Museu;

- Sessão pública, às 15:30, no Auditório Afonso Rodrigues Pereira;

- Homenagem a individualidades relacionadas com o Museu;

- Entrega dos prémios da 6ª edição do Concurso Internacional de Ilustração de Dinossauros;

- Lançamento da medalha comemorativa do 25º Aniversário;

- Inauguração de elemento alusivo ao tema "Lourinhã Capital dos Dinossauros" que passará a decorar uma das principais rotundas viárias da Vila.

Cá nos encontraremos no dia 24”



A Festa da Espiga

A Festa da Espiga é uma festa profundamente rural, ligada ao aloar das searas e à multidão das flores que anunciam o pão e a vida, e que compreende, além das cerimónias religiosas da liturgia cristã, certas práticas específicas tradicionais, relevando aspectos verdadeiramente ancestrais, relacionados com as nossas próprias raízes culturais.

Esta manifestação tradicional tem lugar na *Quinta-feira de Ascensão*, em que se comemora a subida de Cristo ao Céu, fechando um ciclo de quarenta dias que se abriu pela Páscoa.

A Ascensão sempre foi um dia de festa nas nossas terras, mesmo não sendo dia feriado. Essa prática, hoje já quase desaparecida, apenas está na memória de alguns. Este ano celebrou-se a 21 de Maio.

Outrora, no “Dia da Espiga”, dia sagrado da terra, rapazes e raparigas largavam a enxada e saíam para o campo, de manhã cedo, aproveitando os dias cheios de sol e a imensa alegria que emana da terra e dos homens, para folgarem e colherem uma espiga de trigo e um ramo de oliveira, que haveriam de compor o ramo da espiga.

Para além destas espécies o ramo poderia incluir, ainda, espigas de outros cereais – centeio, cevada, aveia, etc., esgalhos de cepa, pés de alecrim e de rosmaninho florido, papoilas, rosas, malmequeres e margaridas.

Este ramo pendurava-se algures dentro de casa e aí se conservava durante todo o ano, até ser substituído pela “Espiga” do ano seguinte.

É crença do povo que a espiga apanhada na quinta-feira de Ascensão proporciona felicidade e abundância no lar.

Aliás, a espiga de trigo propriamente dita representa a abundância de pão, o ramo de oliveira simboliza a paz, as flores amarelas e brancas respectivamente o ouro e a prata, que significam fartura e prosperidade.

“Bendita é a terra que é farta e louvado seja o Senhor!” - esta é a essência da festa, um hino à força e à generosidade da natureza de que depende a nossa vida. ■ Maria Matos



Os Ferradores na Lourinhã As suas múltiplas funções

Quando recordamos os ferradores ligamo-los, automaticamente, ao tronco, à forja, ao fole, à bigorna, ao avental e às ferraduras. Ferravam gado asinino, muar e cavalar e, raras vezes, bovino.



O trabalho do ferrador. Reconstituição em azulejo.

A arte de ferrar

Os burros, machos e cavalos que, no concelho da Lourinhã, se destinavam a trabalhos agrícolas, de tiro ou de sela, eram fáceis de ferrar. Eram animais normalmente mansos, bastava estarem presos pelo cabeção a uma argola do tronco.

Em caso de necessidade, porque escoicinhavam ou mordiam, uma simples corda atada a três das patas immobilizava a besta, que ficava em desequilíbrio, enquanto se ferrava a pata livre. Se mordiam, colocava-se o aziar nos beiços, peça também utilizada pelo arreador.

Depois de retiradas as ferraduras velhas com a turquês, os cascos eram desbastados à faca e limados com a grosa. A ferradura era aquecida na forja e tratada na bigorna e, ainda ao rubro, segura



O aziar (GEAL Etn. 281)

pela tenaz, moldada directamente nos cascos, sendo novamente aperfeiçoados os cascos ou a ferradura, se necessário.

Imersa numa pia em pedra, que continha água, e depois cravada com cravos, saía um trabalho perfeito com os cascos pintados com Mera, um desinfectante de cor preta.

As vacas ou bois de trabalho agrícola não precisavam de ser ferrados, mas os que andavam em estradas de macadame para transporte de pessoas ou mercadorias para as vilas em redor, ou até para Lisboa, actualmente substituídos pelas camionetas de passageiros ou camiões, tinham de ser ferrados, tendo as ferraduras o nome de canelos.



Vários tipos de ferradura. Em cima, à direita, o canelo
Colecção particular de Horácio Mateus

O animal era introduzido no tronco, as patas atadas e a barriga levantada por cilhas que subiam por um sistema de rodas dentadas, para suporte do animal que ficava immobilizado e suspenso. Mesmo assim, o grosso tronco rangia por todo o lado! Os canelos eram aplicados numa só unha de cada pata ou nas duas unhas consoante o trabalho ou dinheiro disponível.

Tudo era aproveitado: o estrume para um monte, os restos dos



O tronco (GFAI)

cascos para outro, que se vendiam para fertilizantes. As ferraduras e cravos usados para o ferro-velho.

Outras funções

O ferrador como veterinário

Bestas com pulmoeira (dificuldade na respiração) - era adicionada à alimentação, por seu conselho, pó de alcaçuz misturado com mel.

Bestas coxas nas patas posteriores - era a garupa esfregada com álcool e bálsamo levando depois pontas de fogo (ferro em brasa).

Bestas com problemas nos machinhos, devido ao árduo trabalho - tinham outro tipo de tratamento, sendo a maioria vendida para trabalhos menos duros ou para o talho.

Bestas feridas, sobretudo nas pernas, mãos ou patas, por se tocarem - eram tratadas com azul de metileno, poderoso desinfetante.

Bestas com prisão de ventre devido à ingestão de alguma alimentação, caso da alfarroba – era aplicada uma purga composta por sulfato de sódio, sulfato de magnésio e bicarbonato de soda, misturados em água para os animais beberem. Depois, era só esperar o efeito tendo nós o cuidado de sairmos da traseira do animal, por motivos óbvios.

Bestas com a pelagem a cair no Verão, por falta de pasto verde - era aconselhado uma palhada (palha húmida com farelos) após o que surgia uma pelagem recuperada e luzidia.

Aconselhava-se o descanso dos animais na cocheira até à sua

recuperação. Alguns ferradores exerciam também a actividade de capadores de gado.

O ferrador como médico

Para nós, homens, serviu o antigo ferrador de dentista, de curandeiro, tendo conhecimento de muitas ervas e mezinhas, de endireita e, para curar a dor ciática aplicava pontas de fogo no nervo da orelha.

• • •

Até ao fim da primeira metade do século, os ferradores foram pessoas de prestígio e com uma profissão lucrativa. Devido à pouca procura, tornou-se a mesma, aos poucos, menos rentável. O aparecimento de tractores, de camionetas movidas a gasogénio e, depois, a gasolina, ditou o fim das oficinas de ferradores tradicionais, sendo estes substituídos por ferradores ambulantes, com ferraduras já pré-preparadas, que se deslocavam às mais diversas coudelarias ou a casas de pessoas que possuíam gado, ferrando a frio.

Após a morte de Manuel Ferreira, sua viúva, Maria de Lourdes Pinto, ofereceu ao Museu da Lourinhã, o tronco, o fole e diversos utensílios, expostos numa reconstituição de uma pequena oficina, no Pátio do Museu.

Como, desde menino lidei com gado e morei perto do Manuel Ferrador onde passava horas a ver ferrar, recordo com prazer o som do ferro martelado na bigorna e o cheiro a cascos queimados.

■ Horácio Mateus

Os ferradores da Lourinhã no Século XX

Lino José dos Reis, o mais antigo, era “hábil ferrador e Inspector da Companhia de Seguros Equidade” (O Imparcial, Lourinhã, 3-5-1907). A sua oficina estava situada na actual Rua da Guiné, Lourinhã.

Manuel Rodrigues Moço, residente na Rua Miguel Bombarda, que possuía uma oficina na Praça Coronel António Maria Baptista e teve vários aprendizes.

Victor Lino dos Reis, aprendeu a profissão com seu pai, Lino dos Reis, e manteve a “oficina de ferrador” (A Hora, Lourinhã, 1935).

Acácio Pereira Horta, natural de Óbidos, filho de ferrador e cujos irmãos possuíam oficinas nas Caldas da Rainha e Sobral de Monte Agraço, trabalhou com Manuel Moço e, posteriormente, abriu uma oficina na Rua Grande (actual João Luís de Moura).

Manuel Félix Horta que aprendeu, também, com Victor Lino, ferrava gado nas Lezírias do Ribatejo, montando, mais tarde, a sua própria oficina, no Largo António Granjo. Tornando-se sócio da firma Manuel Gentil Horta e Irmãos, Armazém na Lourinhã e Bombarral... oficinas de serralharia e de ferrador (A Comarca da Lourinhã, 3-5-1929, 7), fechou a oficina no Largo António Granjo e foi trabalhar como sócio desta firma, para a sua sede, na Avenida António José de Almeida. Exerceu a profissão enquanto a saúde lho permitiu.

Joaquim Marques de Carvalho, natural da Encarnação, do concelho de Mafra, aprendeu com seu irmão e veio para os Campelos, onde montou oficina, com 20 anos de idade. Tornou-se famoso entre os ferradores como curandeiro, veterinário, e médico.

Carlos Ferreira, natural das Caldas da Rainha, trabalhou com Joaquim Marques de Carvalho e casou na Marteleira onde montou a sua própria oficina.

Valentim Pires foi ferrador com oficina própria no Reguengo Grande (O Anuário Comercial, Lisboa, 1931, 3008).

Carlos Manuel Pereira Horta, aprendeu com seu pai, Acácio Horta, e trabalhou na oficina da Rua Grande e, posteriormente, foi para Caldas da Rainha, como empregado de seu avô, que também era ferrador.

Manuel Ferreira aprendeu com Victor Lino, trabalhou com Acácio Horta na Rua Grande, montando, depois, a sua oficina na Rua António Maria Roque Delgado, para a qual se deslocou Acácio Horta. Manuel Ferreira casou com uma das filhas do Acácio o qual, mais tarde, se separou do genro montando uma oficina em S. Bartolomeu dos Galegos.

José dos Reis Carvalho aprendeu a profissão com Manuel Ferreira tendo montado, depois, uma oficina em Santo André, Lourinhã, e, posteriormente, na Atalaia, sua terra natal. Com o declínio da profissão, abandonou a mesma e tornou-se pescador.

Carlos Severino, filho de Carlos Ferreira, aprendeu a arte com seu pai, trabalhou na mesma oficina e ulteriormente, trabalhou nos Campelos com Joaquim de Carvalho, abrindo, depois, a sua oficina no Reguengo Grande.

António Marques de Carvalho, natural dos Campelos, filho de Joaquim Marques, aprendeu com seu pai, vinha duas vezes por semana trabalhar na oficina do José Carvalho, em Santo André, e manteve a oficina dos Campelos até 1971, sendo este o último dos ferradores.

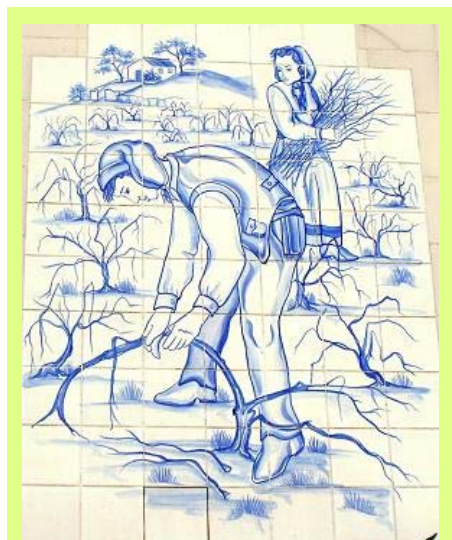
Um outro olhar sobre a Lourinhã

Da poda à taberna

A representação pictórica de uma profissão é uma forma de intenção de comunicar, com ideias bem concretas na mensagem.

Por isso, faço apenas uma leitura simples e directa da imagem transmitida, realçando alguns elementos que fazem parte da tradição laboral e do saber fazer.

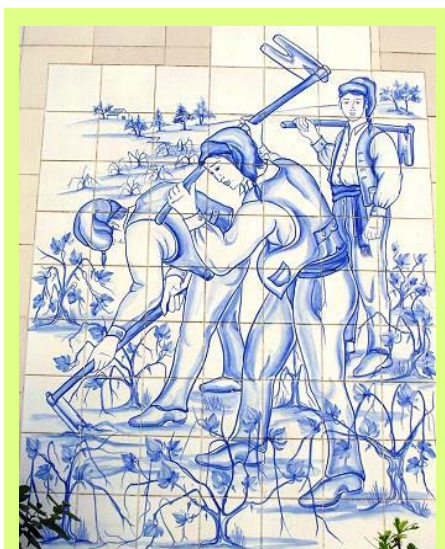
um olhar mais atento para as informações transmitidas.



1. A PODA

Inverno. As cepas não têm parras.

Enquanto o homem corta os ramos em excesso, a mulher apanha as vides para deixar a vinha limpa. (Campelos).



2. A CAVA

Início da Primavera. As parreiras apresentam as primeiras parras ou folhas e estão representadas com ramos em excesso como se não tivessem sido podadas.

Três homens, todos de barrete e colete, cavam a vinha com enxada de dois bicos. (Campelos).



3. A PULVERIZAÇÃO

Três homens, todos de barrete e colete, trazem o pulverizador às costas e pulverizam a vinha.

O tratamento era feito com sulfato de cobre e cal. O pulverizador era fabricados em cobre. (Campelos).

Uma análise simples dos conteúdos temáticos e a sua correlação com as actividades individuais ou colectivas é, mesmo assim, uma exposição demasiado longa para o Boletim.

A recolha dos objectos de estudo foi feita sem carácter exaustivo, em passeio pelas ruas principais das povoações, apenas com

Não entrei em casas particulares ou em jardins, nem andei por becos e travessas.

As aldeias foram visitadas como um todo e não com a ideia da divisão administrativa, uma parte da Lourinhã, outra do Bombaral ou de Torres Vedras.



4. A VINDIMA

Carro com roda toda em madeira, puxado por uma junta de bois.

Tem, em cima, uma tina de madeira onde são despejados os cestos de verga, pouco utilizados na Lourinhã.

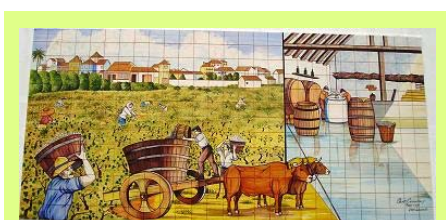
(Fonte pública da Moita dos Ferreiros).



5. O TRANSPORTE

Raramente se pensa no esforço que o transporte da tina cheia de uvas representa para animais e homens.

Este painel traduz bem esse esforço, do homem, dos bois e da mulher que, atrás, empurra o carro. (S. Bartolomeu dos Galegos).



6. A VINDIMA E O LAGAR

Com um rancho de homens e de mulheres a vindimarem, o carro com rodas apenas com dois aros largos e fortes, puxado por junta de bois, carregado com uma tina onde são despejados os cestos de pau cheios de uva.

O lagar de vara onde se espremam as uvas. Vêem-se tonéis, pipas, garrafas, um cesto com uvas e dois homens a trabalhar. (Marteleira.)



7. A VINDIMA E O LAGAR

Do lado esquerdo, A VINDIMA em que várias tinas se enchem de uvas que o macho puxa até ao lagar.

Do lado direito, o LAGAR de prensa com o pé preparado e a pia para onde escorre o vinho.

Ao fundo, dois depósitos de cimento e duas prateleiras com diversas vasilhas, um candeeiro a petróleo e cordas.

Espalhados pela cena vêm-se um balde, um almude em folha e um cabaço. O lagar está datado de 1948. (Estrada Nacional, S. Bartolomeu).



8. O LAGAR DE PRENSA

O casal que se vê no lagar de prensa prepara o pé. O mosto começa a correr da bica para a pia. O rapaz vai tirando o mosto com o calhabarro para um almude em folha que outro homem vai vazando no tonel.

A quantidade de vinho normalmente produzida pelos nossos agricultores obrigava à utilização da bomba de transfega que aqui não está representada. (Papagovas).



9. MACIEIRA OLD BRANDY

Produto final fabricado com aguardente vínica.

(Quinta D. Maria, S. Lourenço dos Francos).

Os objectos representados são os mesmos que se utilizaram tanto num lado como no outro da rua e são também os mesmos que temos em exposição no Museu da Lourinhã.

Os azulejos são elementos importantes na representação etnográfica das tradições das nossas aldeias.

Por exemplo, Campelos forneceu, entre outros, elementos sobre o tratamento da vinha.

E não é por metade da rua pertencer à Lourinhã e outra metade a Torres Vedras que a arte de bem-fazer se altera.

Na Lourinhã, os mais frequentes estão ligados aos trabalhos agrícolas, principalmente à produção do vinho e à indústria da moagem, traduzindo, assim, as principais actividades da região.



10. A ADEGA

Na adega, a prova do vinho novo. Vêm-se cinco barris de diversos tamanhos.

Um homem saúda com um copo de vinho branco. (Papagovas).



11. A TABERNA

Seis homens sentados a uma mesa de madeira, bebem vinho da enfusa por malgas de barro. Na parede, uma candeia ilumina a cena.

O vinho já produziu os seus efeitos nalguns homens. (Papagovas).

Encontrei moinhos em todas as aldeias e até mesmo, numa linha mais moderna, no Centro de Saúde da Lourinhã. Desses já falei anteriormente.

A unidade temática possibilita a formação de programas iconográficos. O fabrico do vinho é um tema de tal modo representativo que merece um capítulo só para o tratamento da parreira, da uva, e do vinho.

■ Isabel Mateus

O Museu da Lourinhã disponibiliza os seguintes Serviços:

- Visitas guiadas e palestras
- Conservação e restauro de peças
- Paleontologia:
 - Preparação de fósseis
 - Conservação e restauro
 - Elaboração de moldes
 - Réplicas
 - Venda de réplicas
 - Preparação de fósseis
- Workshops:

Entusiastas de LEGO® “invadem” a Lourinhã

Por iniciativa da PLUG, Associação Portuguesa dos Utilizadores de LEGO, realizou-se de 27 de Abril a 3 de Maio, no pavilhão do Hoquei Club da Lourinhã, um grande encontro de entusiastas e uma exposição de construções LEGO.



Desde animais excelentemente elaborados até um modelo do famoso Parque Jurássico, muito havia para ver.

A grande variedade das peças expostas atraiu



milhares de visitantes (calculam-se em mais de 25.000) que, literalmente, invadiram a Vila.

O Museu foi parceiro nesta iniciativa, tendo celebrado um acordo com a organização da ExpoLEGO.

Como não podia deixar de ser, muitos dos modelos expostos tinham por tema os dinossauros.

Mas depois ver esses interessantes modelos, os visitantes quiseram observar os verdadeiros dinossauros, tendo o Museu registado, também, uma afluência excepcional.

Damo-vos aqui conta de alguns desses “terríveis Legossauros”.

■ Editor



Fotografia Paleontológica: Introdução

Geralmente, é sempre preferível a ilustração científica à fotografia, mas, quando não se pode ilustrar (ou não se tem esse talento), há que dar o melhor uso possível à máquina fotográfica.

Para tirar boas fotos o modo “Automático” não é suficiente... é necessário dominar alguns conceitos fundamentais da fotografia genérica e ter muita paciência.

Alguns dos conceitos que têm de ser entendidos são: abertura do obturador, velocidade de exposição, exposição da fotografia, distância focal, sensibilidade do sensor, profundidade de campo, balanço de brancos... e pronto, acho que são esses os mais importantes!

É verdade (!), a fotografia é uma tarefa complexa e cheia de variáveis que precisam de ser testadas, mas por isso mesmo representa um desafio interessante. Eu ainda sou um leigo na matéria, mas o pouco que sei pretendo, assim, transmitir a outros leigos.

Antes de imergirmos nos conceitos fotográficos, há que pensar naquilo que pretendemos com a fotografia. Será uma fotografia para publicação? Será uma fotografia para rapidamente se fazer um levantamento fotográfico das colecções de um museu? Será uma fotografia que pretende ser artística? Será uma fotografia que

irá registar o decurso de uma escavação ou da preparação de um espécime?

Todas as fotografias têm os seus propósitos específicos, e, o tempo e qualidade dos materiais que dependemos nelas são directamente proporcionais à qualidade final da fotografia.

Ao longo de uma série de artigos focar-nos-emos principalmente na fotografia para publicação. É, talvez, a mais exigente mas também a que mais permite explorar as potencialidades infinitas de uma máquina fotográfica.

Apesar da fotografia de fósseis ter especificidades características não é, na sua essência, em nada diferente da fotografia dita genérica. Depende - como é claro - das dimensões dos fósseis; se são mandíbulas de salamandras com dois milímetros de tamanho ou se são fémures de saurópodes com dois metros de comprimento.

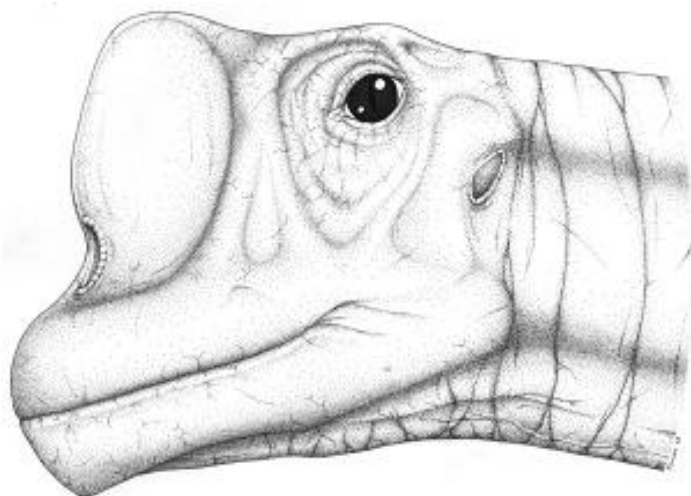
Em qualquer um dos casos podem ser usadas máquinas vulgares compactas ou máquinas que custam vários milhares de euros. A fotografia de fósseis é, graças à tecnologia actual, acessível a todos! O que falta é meter mãos à obra! ■ Ricardo Araújo



Os dinossauros saurópodes

Os dinossauros saurópodes evoluíram, há mais de 200 milhões de anos, a partir de dinossauros bípedes do Triásico superior. Estes, de cerca de um ou dois metros de comprimento, foram gradualmente aumentando de dimensão, adaptando-se a uma regime alimentar exclusivamente herbívoro, verificando-se um aumento do comprimento do pescoço.

Os dinossauros saurópodes foram os maiores animais que alguma vez caminharam sobre a Terra. Apesar de algumas espécies chegarem a atingir quase 40 metros de comprimento e mais de 80 toneladas de peso, nem todos eram assim tão grandes e alguns, como o *Europasaurus*, com seis metros de comprimento, eram considerados anões.



Cabeça de dinossauro saurópode *Europasaurus holgeri*
Thomas Laven

Algumas baleias actuais, por exemplo a baleia azul, que atinge 172 toneladas, superam os maiores dinossauros em massa corporal.

Algumas estimativas dizem-nos que, para conseguir bombear o sangue até à cabeça, o coração de algum dos maiores dinossauros saurópodes tinha de ter quase meia tonelada.

Todos os saurópodes eram quadrúpedes, isto é, caminhavam sobre as quatro patas. Apesar das limitações corporais, é provável que fossem suficientemente ágeis para se levantarem sobre as patas traseiras em situações de perigo ou para se alimentarem de ramos mais altos.



Lourinhanosaurus emboscando um *Lourinhasaurus alenquerensis* e sua cria
Tuomas Koivurinne (Finlândia), CIID 2003

O corpo evoluiu para se adaptar ao grande peso, pelo que as vértebras começaram a ganhar espaços ociosos com sacos de ar, ficando mais leves, enquanto que os membros eram compactos e resistentes. Os dedos perderam gradualmente algumas falanges e as patas ficaram mais simples e resistentes.

Os dinossauros saurópodes eram todos herbívoros, mas a sua estratégia de alimentação variava conforme a espécie. Os braquiossauros alimentavam-se da copa das árvores enquanto os diplodocídeos consumiam vegetação rasteira. Os camarassauros cortavam a vegetação com os dentes, enquanto que os titanossauros ripavam-na.

Nenhum saurópode conseguia mastigar a vegetação por não ter molares nem nenhuma outra estrutura bucal de mastigação. Em contrapartida, moíam os alimentos com auxílio de seixos que engoliam, os gastrólitos.



Um *Lusotitan* afasta o ataque de vários *Lourinhanosaurus*
Marcin Krysiak (Polónia), CIID 2005

Durante o Cretácico os saurópodes entraram em declínio quando confrontados com os hadrossauros, mais adaptados à mastigação, tendo-se extinto por completo há 66 milhões de anos.

Em Portugal existiram os seguintes dinossauros saurópodes do Jurássico tardio:

Lusotitan, *Turiasaurus*,
Dinheirosaurus e
Lourinhasaurus.

■ Octávio Mateus



Museu da *Lourinhã*



Grupo de Etnologia e Arqueologia da Lourinhã